

# O PAPEL DA ESCRITA DE MEMÓRIAS SOBRE A TRAJETÓRIA ESCOLAR NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES

**Paloma Rezende de Oliveira\***  
[mmortissa@yahoo.com](mailto:mmortissa@yahoo.com)

\*Cursando doutorado em Ciências Humanas - Educação, na área de concentração: Educação Brasileira, pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Mestre em Educação, área de concentração: gestão, políticas públicas e avaliação educacional, pela Universidade Federal de Juiz de Fora, Licenciatura e Bacharelado em Pedagogia, pela UFJF/MG.

## Apresentação

Este trabalho trata da experiência de escrita de memórias sobre a trajetória escolar por alunos de graduação, durante as disciplinas lecionadas para os cursos de Licenciatura em História e Pedagogia, nos anos de 2010 e 2011, na Faculdade de Educação da Universidade Federal de Juiz de Fora. Esta proposta teve como objetivo inicial levar os graduandos a refletirem sobre a concepção que tinham de educação, ensino e professor, bem como sobre os possíveis motivos que os levaram à escolha da profissão.

Considerou-se, durante essas reflexões, as noções de Ricoeur (2007) acerca de "lebrança e imagem", "memória artificial e natural", "memória pessoal e coletiva", "testemunhos e esquecimento". Também foram propostos, durante o desenvolvimento da disciplina, textos que abordavam as temáticas que apareceram com maior frequência nas trajetórias dos alunos, tais como: influência de pais e professores na escolha profissional, qualidade do ensino público e privado, relação professor/aluno, avaliação da aprendizagem e valorização do professor, formação profissional e (des)continuidade do ensino. A experiência possibilitou que alunos e professora estabelecessem uma relação entre passado e presente, no movimento da compreensão de um para o outro, como sugere Ricoeur (2007).

Para fins de realização deste relato, foram selecionados e analisados 16 memoriais de alunos do 3º período de graduação em História, matriculados na disciplina Seminário em Ciências Sociais Aplicadas à Educação, sendo que o mesmo trabalho reflexivo foi realizado em uma turma do 1º período de Pedagogia, durante a disciplina: Sociologia da Educação, no semestre seguinte, em 2011. Ambas as disciplinas lecionadas na Faculdade de Educação da Universidade Federal de Juiz de Fora.

Procurou-se, no semestre, realizar a produção de um texto escrito, logo no primeiro dia de aula, sobre a trajetória escolar e possíveis motivos que levaram os graduandos à escolha do curso de História, sendo este o primeiro contato do professor com os alunos que acabavam de ingressar no ensino superior.

A proposta inicial foi construir o planejamento da disciplina Seminário em Ciências Sociais Aplicadas à Educação, a partir das recordações das experiências individuais/coletivas trazidas pelos estudantes para a construção de suas narrativas, que acreditamos encarnar as tonalidades sociais, históricas, culturais e afetivas.

Na tentativa de valorizar a subjetividade, os sentimentos e a experiência humana, o uso das narrativas apresentaram outras possibilidades, na medida em que apontam as mais sutis e camufladas relações de dominação, estabelecidas, muitas vezes, a partir do próprio processo social de construção de memória(s) em torno da carreira docente e do papel do professor, da escola e da educação, desvelando memórias, experiências e vivências ocultadas e silenciadas, como constatado por Thompson (apud ARAÚJO E SANTOS, 2007).

Buscou-se, então, uma reflexão em torno desses relatos, utilizando não apenas seu conteúdo, mas também textos, artigos e livros de autores diversos, que auxiliassem nesse percurso, dentre eles, podemos citar, além das obras de Anísio Teixeira, "Educação é um direito" e "Educação não é Privilégio", as obras de autores como Durkheim, "Sociologia e Educação"; Dewey, "Democracia e Educação"; Foucault, "Vigiar e Punir"; Bourdieu, "Escritos de educação"; Canclini, "Consumidores e cidadãos"; Zygmunt Bauman, "Modernidade Líquida" e Vahl, "A privatização do ensino superior no Brasil". Foram utilizados ainda, documentos como: "Manifesto dos Pioneiros", de 1932 e a Lei de Diretrizes e Bases da Educação, Lei 9394 de 20 de dezembro de 1996, atualizada em 2002.

Durante o planejamento da disciplina e das discussões em sala, buscou-se dar atenção às relações de partilha cultural, no seio do grupo em questão, e considerar os três níveis em que opera a ideologia<sup>1</sup> nas memórias, nas reflexões sobre os temas que apareceram com maior recorrência nas narrativas, quais

---

<sup>1</sup> Segundo Ricoeur (2007, p.195), são: "a distorção da realidade, a legitimação do sistema de poder e a integração do mundo comum por meio de sistemas simbólicos imanentes à ação".

sejam: influência de pais e professores na escolha profissional, qualidade do ensino público e privado, relação professor/aluno, avaliação da aprendizagem e valorização do professor, formação profissional e (des)continuidade do ensino.

Ao final do curso, foi solicitado aos alunos, então já familiarizados com o professor e com os referenciais teóricos discutidos, que trouxessem novas reflexões sobre suas memórias escritas no início do curso, tanto em relação aos aspectos pessoais, quanto aos profissionais.

### **Revisão da literatura**

O foco das reflexões acerca dos relatos escritos pelos alunos centrou-se no processo de significação, criado nas interações propiciadas nas aulas e com os próprios escritos. Neste processo, afirma Montiner:

O significado antigo não é substituído pelo novo, mas cria-se um processo de negociação de significados num espaço de interação comunicativa, no qual há o encontro entre diferentes perspectivas culturais num processo de crescimento mútuo. As interações discursivas são, portanto, consideradas como constituintes do processo de construção de significados. (apud QUADROS ET AL, 2008)

Essas interações, por sua vez, apontam a importância dos papéis das lembranças que temos enquanto membros de um grupo, exigindo de nós um deslocamento de ponto de vista do qual somos eminentemente capazes.

Como destaca Ricoeur (2007):

Temos, assim, acesso a acontecimentos reconstruídos para nós por outros que não nós. Portanto, é por seu lugar num conjunto que os outros se definem. A sala de aula é, nesse aspecto, um lugar privilegiado de deslocamento de pontos de vista da memória. De modo geral, todo grupo atribui lugares. É desses que se guarda ou se forma memória. (RICOEUR, 2007, p.131)

A (re)escrita dessas memórias propicia um contexto de produção que instiga cada futuro professor em formação a re(vi)ver seu percurso. Re(vi)ver a trajetória escolar e refletir sobre a escolha de sua profissão consolidam-se numa experiência importante para (re)significar algumas experiências escolares e (re)pensar as aprendizagens e suas condições de produção (QUADROS ET AL, 2008).

Sem desconsiderar as semelhanças em relação às crenças, oportunidades e (des)incentivos recebidos pelos alunos, buscou-se ficar atento às manipulações, que segundo Ricoeur (2007, p.95) devem-se a um fator “multiforme e inquietante que se intercala entre a reivindicação de identidade e as expressões públicas de memória”. As discussões em sala de aula se deram sempre no sentido de descortinar as possíveis formas, em que a ideologia opera, presentes nas experiências individuais/sociais demonstradas nos escritos.

Silva (2010) estabelece três traços do funcionamento discursivo do gênero memorial, a saber: a finalidade comunicativa, o conteúdo temático e a postura/perspectiva que o aluno assume no curso da escrita de suas memórias, em relação aos objetos narrados. Foi a esse último aspecto que buscamos dar ênfase durante a leitura dos textos produzidos, importando também focar a figura do narrador no processo narrativo:

No fio de sua narração e, portanto, na configuração da narrativa, dá-se a emergência de um narrador, o qual narra, sob um dado ponto de vista, as suas experiências acadêmicas e profissionais. Instala-se aí um jogo enunciativo e estético, como diz Bakhtin, em que eu me torno um outro da minha própria história. (Apud SILVA, 2010, p.602)

Sobre a memória individual, Ricoeur (2007) afirma que esta é um ponto de vista sobre a memória coletiva e que esse ponto de vista muda segundo o lugar que nele o sujeito ocupa e que, por sua vez, esse lugar muda segundo as relações que ele estabelece com outros meios.

Para ele, as narrativas são tidas como espaço em que uma identidade se afigura não apenas como uma identidade pessoal,<sup>2</sup> mas, principalmente, como identidade narrativa. Essas podem dar ao sujeito não apenas a oportunidade de pensar sobre si, mas também de contar sobre si. Na experiência da narração lembra-se, logo, declara-se que se viu, fez ou adquiriu algo, esse fazer memória “inscreve-se numa rede de exploração prática do mundo, de iniciativa corporal e mental que faz de nós sujeitos atuantes”. (RICOEUR, 2007, p.134)

---

<sup>2</sup> Um trabalho que discute a identidade pessoal é o de NASCIMENTO, Cláudio Reichert do. (2009). Em sua dissertação, intitulada: “Identidade pessoal em Paul Ricoeur”, a discussão dá-se sob os modos de permanência no tempo da pessoa e como eles são configurados pela narrativa, que conta a história de uma vida.

E é nesse momento que a mediação do professor/pesquisador é importante, no sentido de mostrar: “que por trás do trabalho de cada professor, em qualquer sala de aula do mundo, estão séculos de reflexões sobre o ofício de educar.” (SILVA, 2010, p.620)

## **Análise**

Durante a leitura dos dezesseis relatos escritos pelos alunos do 3º período do curso de Licenciatura em História, na disciplina Seminário em Ciências Sociais Aplicadas à Educação, no ano de 2010, sobre suas trajetórias escolares, as reflexões nos remeteram às noções de Paul Ricoeur(2007) expressas em sua obra: “A memória, a história, o esquecimento”, acerca das noções de lembrança e imagem, memória artificial e natural, memória pessoal e coletiva, testemunhos e esquecimento, surgindo a necessidade de explorar um pouco mais essas noções.

A primeira noção a que demos ênfase foi a da relação entre lembrança e imagem. Segundo o autor, deve-se considerar que existe uma diferença essencial entre essas duas teses, uma vez que ao se recordar da vida passada, não se está imaginando. Não se pode ignorar, contudo, as ciladas que o imaginário pode armar para a memória, constituindo a perda de confiabilidade para a memória.

Além disso, Santos e Araújo (2007) reiteram, em uma abordagem ainda que psicológica, que a memória não obedece apenas à razão, porque também está relacionada, por um lado, às tradições herdadas, que fazem parte de nossas identidades e que não respondem a nosso controle, e, por outro, aos sentimentos profundos, como amor, ódio, humilhação, dor e ressentimento, que surgem independentemente de nossas vontades. A seguinte citação, retirada de um dos relatos reescritos ao final do curso por uma aluna, expressa bem estas questões:

(...) No meio do ano, ocorreu um fato desagradável do curso, citado mais detalhadamente no outro memorial, que destruiu as perspectivas da verdadeira função de professores que é formar e corrigir os alunos. Não cita novamente tudo isso, pois ela enterrou os cinco alunos da sala, fazendo de um modo que eles nunca

existiram, para poder caminhar em paz e por estar cansada de chorar, sofrer, por causa de pessoas desumanas. Ela só não desistiu, pois desfrutou de opiniões de pessoas humanas e pela ajuda de seus familiares, principalmente de sua mãe e irmã, e de seus amigos e professores. Aceitando a sua situação de ser a diferente e a diferenciada, e aprendeu os motivos de ser excluída por todos na sala de aula. (J<sup>3</sup>, 3<sup>o</sup> período de História, UFJF, 2010)

Este trecho nos chama a atenção por dois motivos: apesar de a narradora afirmar ter citado no primeiro memorial o fato que a deixa perplexa, isto não ocorre, e ainda, a forma como a escrita se deu. Ao narrar em terceira pessoa, ainda que a aluna tenha argumentado em seus escritos que o fez “para facilitar as suas lembranças”, tal postura nos indica a busca de afastamento de si, ou seja, a negação de sua identidade, que nos dá indícios de outras questões acerca da responsabilidade de pensar sobre si. Essa suposição deve-se ao fato de que o fato desagradável, não explicitado no relato, se referia ao preconceito de alguns colegas em relação a ela, por ter entrado na Faculdade por meio das cotas para negros.

A identidade, num nível formal, permanece uma relação de comparação que tem como contraponto a diversidade, a diferença. Como se percebeu nos trechos apresentados, ao escrever, os alunos buscaram encontrar um sentido em sua trajetória. A necessidade de sua síntese acarretou omissões, seleção de acontecimentos a serem relatados e desequilíbrio, na medida em que alguns relatos foram narrados de forma mais extensa do que outros.

Essas operações, “o autor só é capaz de fazer, na medida em que se orienta pela busca de uma significação: busca esta que lhe dirá quais acontecimentos ou reflexões devem ser omitidos e quais (e como) devem ser narrados.” (ALBERTI, 1991, p.78),

A memória artificial e natural é outra noção que se precisa ter, a fim de se evitarem os riscos de uma memória exercitada, artificial, que, segundo Ricoeur (2007), “explora metodicamente os recursos da operação de memorização que queremos distinguir cuidadosamente, a partir do plano da memória natural, da rememoração, no sentido limitado da evocação de fatos singulares, de acontecimentos.” (RICOEUR, 2007, p.72)

---

<sup>3</sup> A fim de garantir o anonimato dos alunos, pois expõem aspectos particulares em seus memoriais, optei por ocultar seus nomes.

De acordo com Ricoeur, a memorização "(...) como uma forma de memória-hábito, em que as ideias estão vinculadas a imagens e os tempos sejam armazenados em lugares (...)" (RICOEUR, 2007, p.75-76)

A proposta da disciplina foi priorizar a rememoração no ato de (re)escrita das próprias memórias, em detrimento da memorização, que muitas vezes permeia as práticas de ensino. Tal intencionalidade foi expressa nas narrativas dos alunos, como expressa a seguinte citação:

No começo desse período, quando foi sugerida a ideia de fazer um outro memorial no fim do período, pensei: 'para que fazer outro memorial'? As experiências que vivi ainda são as mesmas, nada vai mudar'. Realmente as coisas que vivi são as mesmas. Mas a maneira que olho para elas mudou. (...) agora irei reescrevê-lo vendo as experiências que passei com uma visão um pouco mais madura. (D, 3º período de História, UFJF, 2010)

Essa mudança de postura em relação à reflexão sobre seus escritos pode ser propiciada pelas discussões levantadas em aula em torno das obras de Anísio Teixeira, Durkheim, Dewey, Foucault, Bourdieu, Canclini, Bauman e Vahl, apresentadas sob a forma de seminário. Esses autores permitiram uma percepção ampliada e diversa sobre as questões educacionais que apareceram com maior recorrência nas narrativas, que foram: qualidade da educação e do ensino, relação professor/aluno, avaliação da aprendizagem, formação profissional e (des)continuidade do ensino:

Bom, antes de iniciar meu segundo memorial é preciso afirmar que minha concepção e o modo de ver o verdadeiro sentido da escola mudou. Antes pensava que não só o meu aprendizado, mas as escolas em geral eram voltadas somente para os vestibulares (...) (W, 3º período de História, UFJF, 2010)

Todas as narrativas expressaram a ideia de dever em relação aos professores e pais que influenciaram suas escolhas profissionais. As narrativas apresentaram também as enunciações sobre a memória pessoal e coletiva, na medida em que aparece com frequência a influência de pais e professores na escolha profissional:

Porém, esses problemas não me desestimularam a estudar e pude aprender ali elementos essenciais de minha formação. A grande

responsável por isso foi a professora..., que lecionava Português. Ela tinha uma abordagem em suas aulas que eu considero fundamental: instigava-nos a ler jornais, livros e revistas ligando os temas com o ensino de Português e com nosso cotidiano, com aquilo que vivíamos e víamos na televisão, além de dialogar com outras disciplinas como História e Geografia. (K, 3º período de História, UFJF, 2010)

Outros exemplos também demonstram essa influência na escolha profissional, a partir da relação que o aluno estabeleceu com a escola e com o processo de ensino/aprendizagem:

A partir da quinta série, já tinha escolhido a minha profissão, que é de ser professora de História. Tive influência de minha irmã um ano e meio mais velha que adorava e amava a disciplina História. Ela não é professora, (mas) pelos vários professores que aplicavam esta matéria demonstrando o amor da arte de ensinar. (J, 3º período de História, UFJF, 2010)

A relação com o professor e com a escola anunciou ainda outras questões, como a dicotomia entre ensino público e ensino privado, tratada nos textos dos alunos que durante a trajetória escolar estudaram nesses dois tipos de instituições:

Na minha oitava série tinha duas certezas: que queria passar no ...e que iria me formar em História. Não passei no ..., que era o meu sonho, por saber que lá iria conseguir uma base melhor para meu futuro e um bom vestibular. Acabei conseguindo no ..., que também era um bom colégio, muito bem conceituado. Acredito que haja diferenças entre escolas particulares e públicas e dentro, entre pública e pública, e particular e outra também particular. A concepção de educação de qualidade vem da grande diferença visível entre as oportunidades oferecidas aos alunos de escolas particulares. Hoje é tão importante fazer uma boa escola e prestar vestibular, porque nossa sociedade cada vez mais exige ensino superior e avançado para mercado de trabalho. Já decidida minha carreira profissional, esforcei-me para tirar boas notas e não só isso, entendendo realmente o conteúdo ensinado para me classificar no vestibular. Tive bons professores que conseguiram passar o conteúdo da melhor maneira que podiam dentro dos limites da escola pública. (D, 3º período de História, 2010)

Também deu margem às questões relativas à avaliação da aprendizagem e descontinuidade do ensino, que muito tem a nos dizer sobre o processo de ensino/aprendizagem:

No ensino superior eu pude vivenciar outra realidade, que é a descontinuidade que há em relação ao ensino médio. Senti este hiato logo nas primeiras aulas que me apresentavam um conteúdo muito mais vasto, acompanhado de uma menor exposição do mesmo pelo professor



e por uma carga de leitura consideravelmente superior; não obstante, no que se refere à questão das avaliações, as quais, para mim, carregavam a maior discrepância, pois, exigem de nós alunos uma capacidade argumentativa e dissertativa muito maior do que fomos condicionados por nosso ensino médio e 'cursinho', com a finalidade de aprovação.(...) (A, 3º período de História, 2010)

## Interpretação

Como os sujeitos não pertencem a apenas um grupo específico, mas estão inseridos em múltiplas relações sociais, as diferenças individuais de cada memória expressaram o resultado da trajetória de cada um ao longo de sua vida. A memória individual revela, portanto, a complexidade das interações sociais vivenciadas por cada um.

Esse pressuposto, segundo Araújo e Santos (2007), foi anunciado por Maurice Halbwachs<sup>4</sup>, sociólogo, que resgatou o tema da memória para o campo das interações sociais, rejeitando a ideia corrente em sua época de que a memória seria o resultado da impressão de eventos reais na mente humana. Sua tese era de que os sujeitos tecem suas memórias a partir das diversas interações que estabelecem com outros sujeitos. Conforme explicam Araújo e Santos (2007):

O grande mérito do trabalho de Halbwachs, portanto, é mostrar que a memória individual não pode ser distanciada das memórias coletivas. Não é o indivíduo isoladamente que tem o controle do resgate sobre o passado. A memória é constituída por indivíduos em interação, por grupos sociais, sendo as lembranças individuais resultado desse processo. Ainda que o indivíduo pense que sua memória é estritamente pessoal, uma vez que ela pode resgatar acontecimentos nos quais só ele esteve envolvido ou fatos e objetos que só ele presenciou e viu, ela é coletiva, pois o indivíduo ainda que esteja só é o resultado das interações sociais. Ele vê o mundo através de construções coletivas como a linguagem. (p.97-98)

---

<sup>4</sup> Cujas ideias também foram abordadas em Ricoeur (2007, p.132): "Halbwachs observa que somententamos as influências rivais quando elas se enfrentam em nós. Contudo, mesmo então, a originalidade das impressões ou dos pensamentos que sentimos não se explica por nossa espontaneidade natural, mas pelos encontros em nós de correntes tem uma realidade objetiva fora de nós."

Considerando essas memórias, notamos que as lembranças exigem do narrador um deslocamento de ponto de vista. Sobre esse aspecto, encontra-se o desafio de se querer dar uma identidade ao professor (neste caso específico ao professor de História), como pretendem Silva (2010), Menezes e Reis (2011), Quadros ET AL (2008, p.2-3). Estes últimos sugerem a ideia de descontinuidade em educação, proposta por Larrosa (2001 e 2002), a qual seria representada por uma perturbação ao modelo de figura do professor pré-estabelecida por um imaginário social já construído, abrindo espaço para o "porvir", ou seja, "para um professor propenso a construir sua identidade, a partir de seus medos, dúvidas, insegurança e coragem de mostrar-se único, capaz e cheio de esperanças de constituir-se a partir de si mesmo." Essa perspectiva sugere uma emancipação através da auto-reflexão.

Consideramos, como dissemos anteriormente, que é a partir de uma análise da experiência individual de pertencer a um grupo, e na base do ensino recebido dos outros, que a memória individual pode tomar posse de si mesma. Esse "fazer memória" permite uma exploração prática do mundo, de iniciativa "corporal" e "mental" que faz de nós, "sujeitos atuantes", e, portanto, "atores sociais". Nessa perspectiva, não nos lembramos sozinhos, como fica demonstrado em alguns apontamentos feitos pelos alunos:

Aqui, como pedido pela professora no Memorial anterior, falarei sobre o que me levou a prestar vestibular para medicina. Uma incógnita, muito embaçada para mim, ainda hoje. Acredito que esta minha escolha tenha sido, talvez, uma influência de um romantismo adolescente ou até mesmo uma tendência ideológica, de acreditar que eu poderia ser mais útil para o mundo o qual eu vivia, amenizando o sofrimento das pessoas. Nunca me voltei para o *status* que isso poderia me trazer ou seus benefícios materiais. Na universidade, minha dúvida se esvaiu, até o momento. É claro que há preferências sobre algumas disciplinas e áreas de estudo, mas não me vejo estudando outra coisa, senão História, mesmo havendo uma incerteza se sigo área de pesquisa ou magistério. (A, 3º período de História, 2010)

A identidade, num nível formal, permanece em uma relação de comparação que tem como contraponto a diversidade, a diferença, que, nas palavras de Ricoeur, - ao se referir aos estudos de Locke -, "não cessa de assombrar a referência a si mesmo", enquanto no nível material, essa

diversidade diz respeito a um aspecto da vida subjacente à memória, que nada mais é que a própria passagem do tempo. (RICOEUR, 2007, p.116)

### Considerações

A (re) escrita de memórias na formação inicial de futuros professores de História, permitiu que esses sujeitos, ao (re)escreverem, fizessem uma interpretação crítica de suas possibilidades, limites, implicações e compromissos, mas levando-se em consideração as ideologias que pudessem constituir um risco para a compreensão do mundo humano da ação.

Como se percebeu nos trechos apresentados, ao escrever, os alunos buscaram encontrar um sentido em sua trajetória. A necessidade de sua síntese, acarretou omissões, seleção de acontecimentos a serem relatados e desequilíbrio, na medida em que alguns relatos foram narrados de forma mais extensa do que outros.

Essas operações, segundo Alberti (1991, p.78), "o autor só é capaz de fazer, na medida em que se orienta pela busca de uma significação: busca essa que lhe dirá quais acontecimentos ou reflexões devem ser omitidos e quais (e como) devem ser narrados."

É essa busca também que prevaleceu na estrutura do texto; os escritos ganharam sentido à medida em que foram sendo narrados, de modo que a significação se construiu no momento mesmo da escrita.

E se considerarmos que o desenvolvimento pessoal e profissional são processos inter-relacionados, a escrita de memórias nos processos formativos representa uma atividade privilegiada, porque potencializadora do conhecimento de si, em/na interação com o outro. Nesse momento, esses sujeitos já não poderão se recusar a tomar posição diante da realidade.

Essa experiência em sala de aula, assim como a construção deste artigo, ao mesmo tempo que representou um desafio, possibilitou que alunos e professor estabelecessem uma relação entre passado e presente, no movimento da compreensão de um para o outro.

Acreditamos que as narrativas produzidas pelos futuros professores proporcionaram ao grupo uma compreensão dos movimentos do processo de

formação da identidade da profissão de professor de história e de historiador, quando apresentadas a partir de diferentes pontos de vista.

## Referências

ARAÚJO, Maria Paula Nascimento e SANTOS, Myryan Sepúlveda. História, memória e esquecimento: Implicações políticas. In: *Revista Crítica de Ciências Sociais*. n.79, dez.2007.p.95-111

ALBERTI, Verena. Literatura e autobiografia: a questão do sujeito na narrativa. In: *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro. v. 4, n. 7.1991.p. 66-81

LARROSA, Jorge. Dar a palavra: Notas para uma dialógica da transmissão. In: LARROSA, Jorge. *Habitantes de Babel*. (trad. de Semíramis Gorini da Veiga) Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

MENEZES, Danielle de Almeida e REIS, Cláudia Maria Bokel. A construção de identidades pessoais e profissionais em memoriais de formação: escolhas e dilemas de licenciandos em letras português-inglês. IN: *Anais do SILEL*. Volume 2, Número 2. Uberlândia: EDUFU, 2011

QUADROS ET AL. *Os professores que tivemos e a formação da nossa identidade como docentes: um encontro com nossa memória*. 2008. Disponível em: <http://www.portal.fae.ufmg.br/seer/index.php/ensaio/article/viewFile/86/134> . Acesso em: 30/05/12

RICOEUR, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. (trad.) FRANÇOIS, Alan et al. Campinas: Ed. Unicamp. 2007

SILVA, Jane Quintiliano Guimarães. O memorial no espaço da formação acadêmica: (re)construção do vivido e da identidade. In: *Perspectiva*, v.28, n.2, 601-624, jul./dez. 2010. Disponível em: <http://www.perspectiva.ufsc.br>. Acesso em: 31/05/12

**Enviado em 06 de novembro de 2012**

**Aprovado em 29 de abril de 2013**